

Revista Adventista

A nossa salvação depende do conhecimento da verdade contida nas Escrituras. Deus quer que o possuamos. Examinai, oh, examinai a preciosa Bíblia com coração faminto. Sondai a Palavra de Deus, como o mineiro sonda a terra para descobrir veios auríferos. Jamais deis por acabada a investigação, enquanto não tiverdes determinado a vossa relação para com Deus, e a Sua vontade concernente a vós. Cristo declarou: «Tudo quanto pedirdes em Meu nome Eu o farei, para que o Pai seja glorificado no Filho. Se pedirdes alguma coisa em Meu nome, Eu o farei.» (S. João 14:13).

Homens piedosos e de talento vislumbram as realidades eternas, porém muitas vezes deixam de compreendê-las porque as coisas visíveis eclipsam a glória do invisível. Aquele que quiser procurar o tesouro oculto com bom êxito, precisa elevar-se a prossecuções mais elevadas que as coisas deste Mundo. As suas afeições e todas as suas capacidades precisam ser consagradas à pesquisa.

A desobediência tem cerrado a porta a uma grande soma de conhecimentos que podiam ser obtidos das Escrituras. Compreensão significa obediência aos mandamentos de Deus. As Escrituras não devem ser adaptadas ao preconceito e desconfiança dos homens. Sòmente podem entendê-las aqueles que humildemente procuram o conhecimento da verdade para poder obedecer-lhe.

Perguntais: Que preciso fazer para ser salvo? Deveis depor à porta da investigação as opiniões preconcebidas, as ideias herdadas e conservadas. Se examinais as Escrituras para vindicar as vossas opiniões próprias, nunca alcançareis a verdade. Investigai para aprender o que o Senhor diz. Se vos vier convicção ao investigardes, se

virdeis que as vossas opiniões acariciadas não estão em harmonia com a verdade, não mal interpreteis a verdade para acomodá-la à vossa própria crença, antes aceitai a luz concedida. Abri a mente e o coração para que possais contemplar as maravilhas da Palavra de Deus.

A fé em Cristo, como Redentor do Mundo, exige o reconhecimento de uma inteligência esclarecida, dirigida por um coração que pode discernir e avaliar o tesouro celestial. Essa fé é inseparável do arrependimento e transformação do carácter. Ter fé significa achar e aceitar o tesouro do Evangelho com todos os deveres que o mesmo impõe.

«Aquele que não nasce de novo, não pode ver o reino de Deus.» (S. João 3:3). Conjecturará e imaginará, mas sem os olhos da fé não pode ver o tesouro. Cristo deu a Sua vida para nos assegurar esse tesouro inestimável; porém sem regeneração pela fé no Seu sangue, não há remissão de pecados, nem tesouro algum para a alma moribunda.

O Tesouro Escondido

POR E. G. WHITE

Necessitamos da iluminação do Espírito Santo, para discernir as verdades da Palavra de Deus. As coisas aprazíveis do mundo natural não são vistas sem que o Sol, dissipando as trevas, as inunde de luz. Assim as preciosidades da Palavra de Deus não são apreciadas, sem serem reveladas pelos brilhantes raios do Sol da Justiça.

O Espírito Santo enviado do Céu, pela benevolência do infinito amor, toma as coisas de Deus e as revela a toda a alma que tem fé implícita em Cristo. Por Seu poder, as verdades vitais das quais depende a salvação da alma, são impressas na mente, e o caminho da vida torna-se tão claro, que ninguém precisa transviar-se. Estudando as Escrituras, devemos orar para que a luz do Santo Espírito de Deus nos ilumine a Palavra a fim de vermos e apreciarmos as suas jóias.

ELLEN G. WHITE

— Vista pelos que a conheceram — VII

por ARTHUR L. WHITE

(Secretário das Publicações de Ellen G. White)

Como oradora

«Faz saber aos outros o que te tenho revelado», foram as palavras que cedo soaram aos ouvidos de Ellen Harmon. Como poderia ela fazer isto? Não era senão uma jovem que acabava de completar dezassete anos, que podia expressar-se apenas numa voz velada e a sua saúde não era geralmente boa. Era tímida e obscura. Sua família era pobre. Estava-se em pleno Inverno no Maine. Era esta a sua situação em Dezembro de 1844. Finalmente, depois de animada por seu pai que Deus não falharia em abrir o caminho, terminou a luta com uma submissão completa à Sua vontade.

Poucos dias mais tarde, encontrava-se Ellen Harmon em Poland, Maine, a cerca de trinta milhas ao norte de Portland. Estava ela num lar Adventista na Colina de McGuire onde os crentes se reuniam para o culto da noite. Sua irmã e cunhado, com quem ela tinha feito aquele dia uma pequena excursão em trenó aberto acompanharam-na ao serviço. Os crentes já tinham ouvido falar da sua experiência única e ela foi chamada a contar as suas visões aos que estavam reunidos.

A jovem de dezassete anos levantou-se e numa voz velada começou a falar ao povo. Contando esta experiência ela escreveu mais tarde: «Continuei assim cerca de cinco minutos até que a dor e a obstrução me deixaram e a minha voz se tornou clara e forte e falei fácil e livremente, durante perto de duas horas. Quando terminei a minha mensagem, a minha voz voltou a enfraquecer e assim fiquei até de novo me apresentar perante o povo e nessa altura a recuperei outra vez.» (*Life Sketches*, pp. 72, 73).

Através dos anos que se seguiram ela teve de falar muitas vezes, permanecendo de pé diante de grandes e pequenos auditórios, diante de hostis e simpáticos auditórios, diante de auditórios americanos, europeus e australianos. Ela tinha uma mensagem apropriada para cada ocasião e apresentava-a de uma maneira poderosa.

Tornou-se uma das mais conhecidas oradoras do seu tempo, na América. Muitos dos seus discursos públicos eram certamente para grupos de Adventistas do Sétimo Dia. Nos primeiros anos era hábito do pastor e da sr.^a White trabalharem em comum. Primeiramente, ele apresentava qualquer assunto vital e depois de ter falado uns vinte ou trinta minutos ela fazia algumas observações apropriadas. Foi feito deste modo trabalho muito eficiente.

A sr.^a White preparava cuidadosamente os planos dos seus discursos escolhendo os seus textos e formando um esboço geral da sua apresentação. Às vezes ela escolhia dois textos e tinha na mente duas linhas de pensamento muito diferentes; então, durante o exercício de abertura, em presença do auditório, decidia qual apresentar. Muitas vezes ela olhava para as fisionomias as quais ela tinha antes visto em visão, e o conhecimento das suas necessidades e experiências moldava o tema que lhes ia apresentar. Ocasionalmente, o reconhecimento das fisionomias levava-a a fazer uma transformação radical no seu tema, enquanto falava. Algumas vezes isto dava-se suavemente, outras, porém, havia uma interrupção brusca porque ela era incapaz de fazer mudança lenta na apresentação.

Reconhecimento das fisionomias no auditório

No Sábado 20 de Julho de 1867, o pastor e a sr.^a White encontravam-se em Bushnell, Michigan. Era a sua primeira visita ali e o anúncio tinha chegado aos crentes através de notícia publicada na *Review* do dia 16 de Julho de 1867. O pastor White tinha planeado fazer um baptismo e em seguida juntarem-se na celebração do culto, mas quando eles chegaram a Bushnell encontraram um triste estado de apostasia. Sábado de manhã falou a cerca de sessenta pessoas que se tinham reunido na alameda para o culto. De tarde, foi a sr.^a White a oradora. Ela tinha escolhido uma passagem sobre a qual tencionava pregar e no tempo devido ficou de pé diante da congregação. Deixemos que Tiago White nos relate o que sucedeu:

«A sr.^a White levantou-se, a Bíblia na mão, e começou a falar sobre uma passagem das Escrituras aos que tinham aceitado o Sábado naquela localidade. Nunca antes ela vira um daqueles com os olhos naturais, e naturalmente não os poderia chamar pelo seu nome, mas designava cada irmão e cada irmã pela sua posição, como o que está ao pé daquela árvore, ou aquele que está sentado ao pé daquele irmão ou irmã da Igreja de Greenville ou de Orleães, os quais ela conhecia pessoalmente e chamava pelo seu nome.

«Ela descrevia cada caso particular declarando que o Senhor lhe tinha mostrado os seus casos dois anos antes e que, enquanto ela lhes falava assim da Bíblia, aquela visão se tinha avivado em sua mente como uma luz súbita nas trevas da noite revelando-lhe distintamente tudo em volta.» — *Signs of the Times*, 29 de Agosto de 1878.

Falou aproximadamente uma hora descrevendo as experiências dos que se encontravam diante dela e então as pessoas levantando-se, uma por uma, «testificavam que os seus casos tinham sido melhor expostos do que eles próprios o poderiam ter feito.» Foram feitas confissões, foram emendados erros e uma reforma se seguiu. Na semana seguinte uma forte igreja estava organizada deste grupo que duas semanas antes tinha decidido dispersar-se.

Por várias ocasiões a sr.^a White entrava em visão enquanto se dirigia a um auditório. A visão da «grande controvérsia» foi-lhe dada numa tarde de domingo de 1858 num serviço fúnebre em que ela dirigiu algumas palavras de conforto aos enlutados. Dez anos mais tarde na igreja de Battle Creek enquanto sinceramente se dirigia à Congregação num serviço de quinta-feira à noite ela entrou de súbito em visão. Durante vinte minutos continuou em visão.

Cura divina em Healdsburg

Em 1883, como a sr.^a White estivesse pregando num acampamento em Healdsburg, Califórnia, fazendo o que pensava ser a sua mensagem de despedida à Igreja, foi miraculosamente curada. Durante várias semanas ela tinha estado terrivelmente doente e estava agora enfraquecendo rapidamente sendo infrutíferos todos os esforços para procurar-lhe algum alívio. Parecia que o trabalho da sua vida estava prestes a terminar-se. Mas sentia um

grande desejo de encontrar-se uma vez mais com o povo reunido perto do terreno do Acampamento. Deixemos que nos conte a sua experiência começando na altura em que chegou ao local do Acampamento.

«Tinha sido colocado um sofá na plataforma da grande tenda. Nele me recostei pensando na minha mensagem de despedida que ia apresentar. O meu rosto estava como o rosto de um morto, sem um vislumbre de cor.

«Depois de alguns testemunhos terem sido dados, eu pedi a Willie para me ajudar a levantar e deixar-me encostar a ele. Uma vez de pé, comecei a dizer ao povo que aquela era provavelmente a última vez que eles poderiam ouvir a minha voz num acampamento. Mas depois de ter dito algumas palavras senti o poder do Espírito de Deus vibrando através de cada nervo do meu ser. Os que me viram disseram que o sangue poderia ter sido visto subindo aos meus lábios e à minha frente e então a minha pele tomou a sua aparência natural.

«O sr. Montrose, muito surpreendido, observou aos seus vizinhos: 'Operou-se um milagre no seio desta congregação!' Não podia compreender porque olhavam todos tão intensamente para mim, alguns mesmo levantando-se. O Espírito do Senhor tinha-me curado. Durante o resto do acampamento eu falei várias vezes.» — M. S. 105, 1906.

Se nós tivéssemos acompanhado a sr.^a White nas diversas vezes que tinha de falar vê-la-íamos na Opera House de Salamanca, Nova Iorque, na manhã de domingo de 1890; ou de pé diante dos passageiros de um navio que se tinham reunido no salão das senhoras para uma reunião da noite, ao subirem o rio Mississípi, vinte anos antes. O culto era preparado por um dos comerciantes de bordo quando sabiam que a sr.^a White fazia parte dos passageiros do barco. Encontrá-la-íamos novamente na Penitenciária do Estado em Oregon falando aos prisioneiros ou no Lar dos Veteranos em Yountville na Califórnia falando aos soldados.

Emissões Religiosas

Todos os Domingos, das 22,15 às 22,45, é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio Africa Maghreb, de Tânger, na banda dos 330 m. Ouça e recomende aos seus amigos.

O trabalho da sr.^a White como oradora pública atingiu o auge nos acampamentos e na Obra de Temperança de 1870 a 1880. Como oradora em reuniões de reavivamento ela foi insuperável. Como pregadora da temperança comovia os seus grandes auditórios.

No dia 28 de Julho de 1877 o circo de Barnum chegou a Battle Creek, Michigan. As forças da temperança, os dirigentes da cidade e os grupos de igreja sabiam que numa tal ocasião muitos dos que tinham ido à cidade se dirigiriam às casas onde se comia barato e aos salões para tomarem as suas refeições. Deste modo foram feitos planos para um movimento em oposição. Sob a protecção de «Women's Christian Temperance Union», a grande tenda provida pela Conferência do Michigan foi instalada para servir de restaurante de temperança. O patrocínio ultrapassou tudo o que se esperava. Deste modo, na noite de domingo, 1 de Junho, foi convocada uma grande reunião de temperança. Isto foi o climax de um esforço constante para fazer esta ocasião contar para reforma. A própria sr.^a White faz um relato da sua parte neste trabalho:

«Por convite da Comissão organizadora, major Austin, W. H. Skinner, caixa do First National Bank, e C. C. Peavy, eu falei domingo à noite numa enorme tenda, sobre a temperança cristã. Deus ajudou-me aquela noite e embora eu tivesse falado noventa minutos a multidão de quinhentas pessoas escutou num silêncio que quase a sua respiração podia ser ouvida.» *Testimonies*, vol. 4, p. 275.

Mas esta não foi a sua primeira experiência no encontro com grandes auditórios sobre a questão da temperança. O ano anterior no acampamento feito em Groveland, no Massachusetts, ela falou sobre a temperança. Esta era uma época em que os acampamentos dos Adventistas do Sétimo Dia atraíam grandes multidões e grandes planos eram elaborados para o culto. Comboios especiais passavam no terreno do acampamento, no domingo. Quinhentos crentes estacionavam aí, mas no domingo 20.000 pessoas invadiam o acampamento, chegando de carruagem, barco ou comboio das cidades circunvizinhas. De manhã e de tarde a sr.^a White tomou a palavra e o seu tema foi a temperança cristã. «Todos os lugares sentados e de pé estavam cheios de uma extremidade à outra, e alguns seguindo o exemplo de Zaqueu, trepavam às árvores para conseguirem

ver a oradora. De pé, na parte mais elevada do terreno, o olhar podia contemplar um mar de gente.» — *Signs of the Times*, 14 de Setembro de 1876.

O auditório prestou excelente atenção e a sr.^a White falou bem. Embora não houvesse um sistema amplificador todos a puderam ouvir claramente. A sua voz para falar era excelente. De facto, em tais ocasiões ela podia ser ouvida a uma milha de distância. Ela usou a própria experiência nos princípios fundamentais da educação e da cultura da voz tão claramente apresentados nos seus escritos.

Estando presente no domingo em Groveland, encontrou-se com oficiais do Clube de Reformados de Haverhill. Estes pediram-lhe para falar na noite seguinte no auditório da cidade. Ela acedeu, dirigindo-se a 11.000 pessoas, atacando a intemperança nas suas próprias bases.

As maravilhas

de Deus

Eu, Francisco dos Santos Cordas, sou crente adventista e estou fazendo os meus planos para me unir à Igreja. Sou natural da freguesia de Aramenha, concelho de Marvão, e sou hortelão na herdade da Crucieira, concelho do Crato.

Em 22 de Março do ano corrente foi-me entregue uma horta nesta herdade, havendo aqui mais duas — uma muito maior e outra menor.

Alguns dos que aí me conheceram escarneciam de mim, e eu voltei-me para Deus com um coração sincero pedindo-lhe que me protegesse e abençoasse as obras das minhas mãos.

O Senhor me ouviu e abençoou todo o meu trabalho. Só um cantinho da minha horta produziu mais do que as outras todas. Os conhecidos, mudando então de parecer, já não escarnecem, e dizem que a horta este ano produziu por dez anos antecedentes. Foi uma bênção que Deus me deu, que uns 12 litros de feijão semeado deram muito mais de cem arrobas de vagens.

Estou muito bem certo de que foi uma bênção que Deus me deu e uma maravilha que Deus obrou comigo.

Há dois anos que eu pedi também a Deus que me desse forças para me apartar do tabaco por completo, o que prontamente se executou.

Senti-me inspirado a comunicar para a União Adventista do Sétimo Dia, para que sejam publicadas estas maravilhas de Deus na próxima Revista Adventista.

Crucieira, 21 de Setembro de 1954.

FRANCISCO DOS SANTOS CORDAS

Acampamento dos M. V. em Setúbal

Depois do Congresso-Acompamento da Juventude Adventista levado a efeito em Tomar, quis o Departamento dos M. V. proporcionar à Juventude Estremenha mais uma oportunidade de se reunir em franca camaradagem, promovendo a realização de um Acampamento de Fim de Semana.

A principal finalidade deste acampamento era dar à Juventude o ensejo de desfrutar um Sábado deleitoso, longe de tudo quanto pudesse perturbar a solenidade deste dia tão especial. Esta iniciativa foi coroada do maior êxito, tornando-se mister não desprezar uma tão boa fonte de revigoramento espiritual e físico.

O acampamento teve lugar num aprazível recanto da quinta anexa ao Seminário de Setúbal, onde a par de largos horizontes foi possível dispor de um bom número de comodidades.

A água em abundância, o ar puro e a luz do Sol emprestaram a cada rosto um aspecto fresco e saudável.

Um bom grupo de jovens idosos de Lisboa foi reunir-se aos representantes das igrejas do Seixal, Barreiro e Setúbal, ansiosos por saborear as delícias de um Sábado calmo e frutuoso. A sua expectativa não foi vã, pois tudo concorreu para que este Santo Dia decorresse numa esfera de agradável espiritualidade.

Tendo partido de Lisboa ao cair da tarde, assistimos ao pôr do Sol durante o percurso de camioneta, aproveitando-se então a ocasião para fazer um minuto de silêncio e dirigir preces individuais ao Altíssimo pedindo a Sua protecção e Bênção.

Chegados à Quinta do Seminário e depois de serem tomadas as disposições preliminares, realizou-se uma pequena reunião, onde se cantaram alguns hinos e foram ouvidos os testemunhos de alguns jovens; fez-se em seguida o estudo da Lição da Escola Sabatina após o que foram dadas as recomendações julgadas essenciais; despedimo-nos com uma breve oração e foi dada em seguida ordem de recolher.

No dia seguinte, muito cedo, já o acampamento era animado pelo vaivém dos

campistas que faziam os últimos preparativos para se deslocarem até à igreja de Setúbal onde se realizou a escola Sabatina e o culto, no qual foi dada a palavra ao Director dos M. V., irmão F. Mendes, que dirigindo-se especialmente à Juventude, pôs em destaque o cuidado que cada jovem deve ter em não se desviar dos caminhos de Jesus, para o que se serviu de algumas interessantes ilustrações que por todos foram ouvidas com muito agrado.

À tarde realizou-se um passeio a um local denominado «Capuchos», onde tivemos o privilégio de terminar o dia num ambiente de suave bem-estar.

O domingo foi aproveitado pela juventude para dar largas à sua jovialidade; o banho no tanque de regas, transformado em piscina, os jogos e a reunião social que se efectuou à tarde e à qual assistiu um bom número de membros da igreja de Setúbal, foram outros tantos motivos aproveitados para manifestar, das formas mais variadas, os efeitos da verdadeira e sã alegria.

O regresso, sempre penoso, fez-se ao fechar do dia, pondo ponto final a estas belas horas passadas em despreocupado convívio uns com os outros e com a natureza, mas o ar de feliz contentamento estampado no rosto destes jovens não nos deixou dúvidas quanto ao salutar efeito deste acampamento, quer no corpo, quer no espírito da gente moça. Bem aproveitados poderão vir a ser um manancial inesgotável de bênçãos para os M. V.

Américo Rui dos Santos

LITERATURA ADVENTISTA

A disposição dos nossos leitores, temos alguns exemplares, em espanhol, das seguintes obras:

El Conflicto de los Siglos, por E. G. White	60\$00
Las Profecias de Daniel, por Uriah Smith	40\$00

UNIÃO ANGOLANA

RELATÓRIOS REFERENTES AO 3.º TRIMESTRE DE 1954

I. Escola Sabatina

Campos Missionários		Escolas	Membros	Classes	12 Sábados	Dons Natafícios	F. Inversão	13.º Sábado	TOTAL
Bongo	Eur.	1	11	1	2.315.60	20.00		1.220.40	3.556.00
	Nat.	107	6.297	367	6.923.25	876.30	784.30	793.70	8.317.55
N. Lisboa	Eur.	1	22	2	1.892.20	666.00		451.00	3.009.20
	Nat.	82	4.358	211	3.762.30	204.50	303.10	843.10	5.113.00
Namba	Eur.	1	3	1	210.00				210.00
	Nat.	31	1.889	75	1.392.00	54.20	114.50	67.00	1.627.70
Cuale	Eur.	1	8	2	626.50	100.00		92.50	819.00
	Nat.	54	4.723	151	3.502.90	393.80	107.70	502.90	4.507.30
Luz	Eur.	1	7	2	463.50	30.00		65.00	558.50
	Nat.	23	1.333	97	1.983.40	113.40	88.00	290.00	2.474.80
Lucusse	Eur.	1	3	2	540.00	30.00		140.00	710.00
	Nat.	18	768	46	362.90	7.00		92.10	462.00
Benguela	Eur.	2	94	6	3.089.90	400.00	134.50	505.10	4.192.50
	Nat.	1	47	2					
Luanda	Eur.	1	25	2	1.385.10	190.00	105.00	221.00	1.901.10
	Nat.								
Quilenges	Eur.	1	8	3	590.00	100.00	20.00	65.00	775.00
	Nat.	13	947	25	618.10	8.00		31.50	707.60
Totais gerais									
	Eur.	10	181	21	11.112.80	1.536.00	1.397.60	2.760.00	15.731.30
	Nat.	329	20.365	946	18.544.85	1.157.20	259.50	2.610.30	23.709.95
União		339	20.546	967	29.657.65	2.693.20	1.657.10	5.370.30	39.441.25

II. Missionários Voluntários

Campos Missionários	Soc.	Membros	Membros de G. Miss. os	Devoção Matinal	Ano Bíblico	C. Leitura	Est. Bíblicos	Cont. Missionários	Pes. Soc.	Literatura	Alvo Missionário
Bongo	37	1.800	1.505	1.695	256	231	3.178	1.800	1.625	1.007	538.60
N. Lisboa	22	839	640	1.403	121	90	269	420	352	35	254.60
Namba	10	318	212	389	26	14	319	170	450	85	24.60
Cuale	23	1.370	1.088	1.692	2	33	934	2.172	953	28	424.00
Luz	23	561	351	964			697	313	589	172	214.00
Lucusse	10	132		132		46	263	96	91	9	17.70
Quilenges	7	128	92	128			104	38	158	2	
Benguela	1	35	35	21	2	12	37	27	43	89	270.70
Luanda	1	24		12	4			38	45	88	162.20
União	134	5.207	3.923	6.436	411	426	3.796	5.074	4.306	1.515	1.906.40

III. Departamento da Educação

Campos Missionários	Alunos das Catequizes	Ensino Rudimentar	Ensino Primário	Curso de Catequistas	Total geral	Alunos Internos	N.º de Catequistas	N.º Profs. nativos	N.º Profs. europeus	Total de Obreiros
Instituto do Bongo		388	38	40	466	222		8	4	12
Bongo	357	362			1.291	200	36	4		40
Nova Lisboa	820	541			1.361	187	25	3		28
Cuale	961	1.455	7		1.113	110	13	2	1	16
Lucusse	36	32			68	25	10	1	1	12
Namba	320	30			400	39	10	1	1	12
Quilenges	110	56			166	4	5	1		6
Luz										
União	3.004	1.644	45	40	4.864	787	99	20	7	126

O Secretário dos Departamentos
Armando J. S. Casaca

E. PONCE

1. Em-bo-ra na ter - ra não tenha ri-que - za, Sei que além na
 2. A-ssim pe - lo mun-do eu vou ca-minhan - do, de pro-vas ro-
 3. A to-das as ra - ças da fa-mília huma - na, Cris-to dá de

gló - ria tenho uma mansão; Es-ta-va per-di - do, ja-zen-
 dea - do e de ten-ta - ção; Porém Je-sus Cris-to, que me es-
 gra - ça ple-na sal - va - ção; Também u-ma ca - sa, não fei-

do em po-bre - za, Mas de mim Je-sus — te-ve compai-xão.
 tá provan-do, Me le-va - rá sal - vo p'rá su-a man-são.
 ta por mã - os, Que foi pre-pa-rar - nos na San-ta Si - ão.

CORO

Para a - lém do Sol, para a - lém do Sol, Eu tenho o meu

lar, um lar, belo lar Para além do Sol. Para além do Sol, Para a-

lém do Sol, Eu tenho o meu ar, um lar, be-lo lar, pa-ra além do Sol.

Autor
Desconhecido

P
A
R
A

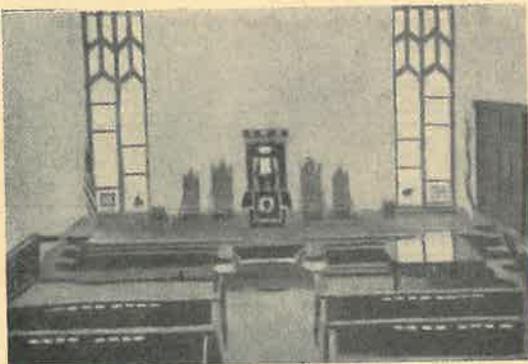
A
L
É
M

D
O
S
O
L



Florence Peterfreund

Estava eu de cama, tão doente que não me podia levantar. No meu desespero pedi a Deus Jeová que me desse saúde e me ajudasse a seguir de novo a minha vida normal. Depois dessa oração adormeci e tive um sonho. Nele pareceu-me ver um anjo perto de mim, que me dizia: «Espera». Em seguida pareceu-me ver o próprio Jesus, sentado numa cadeira, e a minha mãe, que se encontrava no quarto, com as costas voltadas para Ele, como um prenúncio de que eu iria encontrar oposição por parte dos meus pais. Pareceu-me então ouvir o anjo dizer-me que a Verdade me libertaria.



Aspecto da igreja adventista judaica de Nova Iorque

COMO PASSEI AO CRIS

Foi minha mãe que me pôs em contacto com a primeira adventista que jamais encontrei, a qual me falou acerca do Sábado no Novo Testamento.

Tempo depois encontrei uma adventista judia, que me perguntou se eu não gostaria de orar pelo Espírito Santo. Consenti. Mas quando me convidou para orarmos de joelhos, disse-lhe que nunca me tinha ajoelhado. Ela disse-me que Moisés e Daniel se ajoelhavam, e assim não tive mais objecção em o fazer. O Espírito Santo entrou realmente na minha alma, porque senti uma mudança tão estranha e completa que seria de outra maneira inexplicável.

A minha alegria no Senhor começou

○ MEU TESTEMUNHO

Deus tem os Seus escolhidos, sabe onde eles estão, e vai tocar-lhes no coração. Este é o meu caso. Embora dos mais violentos, eu reconheço hoje a justiça do meu Salvador.

Recordo ter, certa tarde de domingo, o cuidado de meditar bem num anúncio do jornal — Curso Bíblico. Escrevi então um postal com o desejo de me inscrever, e comecei a seguir as lições. O que é certo, foi logo, nos primeiros tempos, ter compreendido o valor solene da guarda do 4.º mandamento. E como na oficina estava fazendo a chamada «semana inglesa», escrevi ao meu instrutor, se realmente já era adventista pelo modo de estar fazendo boas lições e por não trabalhar no sábado de tarde.

A resposta foi consoladora — que já era quase adventista.

Continuei por mais algum tempo a visitar igrejas protestantes, mas o mais curioso foi eu não concordar com alguns dos seus ensinamentos contrários ao livro de Deus. E durante as trinta semanas do meu curso bíblico, eu pedi se me vendiam a Bíblia a prestações de um escudo por semana, que mandava em selos acompanhando a lição. Ora se havia dinheiro para as coisas do mundo, que não me davam utilidade alguma, precisava eu de comprar o livro de Deus a prestações? Mas para minha vergonha isto aconteceu mesmo assim. Depois me convidaram a ir a uma reunião. Conheci o pastor Manuel Leal e nos tornámos bons amigos. Afastei-me aos poucos das más companhias sempre aconselhado pelo pastor da igreja, e um belo domingo de

DO JUDEÍSMO TIANISMO

realmente quando passei a frequentar a igreja. Quando numa reunião de testemunhos e de apelo a avançar, eu respondi, muito grande foi o meu deleite no Senhor.

Estando meus pais e eu em Miami, Flórida, ali começaram as minhas dificuldades, porque meus pais começaram a opor-se a que eu fosse às reuniões de evangelização. Esforcei-me, mas aparentemente em vão, por provar a minha mãe que a Palavra de Deus que eu ouvia nas reuniões de evangelização era a mesma que se continha no Antigo Testamento.

Voltando a Nova Jersey, eu desejava falar a outras pessoas acerca de Jesus. Disse finalmente ao Pastor Fezring que desejava ser baptizada, embora meus pais



Outro aspecto da mesma igreja, com o rolo do Antigo Testamento

Agosto deixava os meus queridos com destino ao congresso dos Missionários Voluntários em Tomar.

A comunhão com os rapazes, a liberdade de pensamento, juntamente as mensagens dos irmãos-obreiros, tornaram possível eu dar o grande passo. O irmão A. Codejón, com o seu poema de esperança «Para Além do Sol», as nossas conversas a respeito da obra de Deus pelo mundo e ainda as mensagens dos irmãos da Divisão, Cupertino e Aitken, firmaram-me no propósito de me unir ao povo de Deus.

A dificuldade a vencer era somente apresentar o meu problema ao meu patrão. Deus estava comigo e neste caso duplamente feliz o meu patrão autorizou a minha falta na oficina aos sábados.

Hoje, sábado, 9 de Outubro, tenho uma imensa alegria de ter descido às águas do baptismo ainda com o pensamento no meu bom irmão pastor Manuel Leal, pois graças a ele, aos seus conselhos, pertenço desde já ao povo adventista. No futuro precisarei de sustentar a mesma fé de hoje, ter só um Deus no meu coração, usar da caridade para o meu semelhante, perdoar ao meu vizinho maldoso, e continuar fiel ao lema do Missionário Voluntário — partilhar, procurar e servir a fé. Aqui fica pois o meu testemunho, dum jovem missionário voluntário, ao serviço da causa de Deus até ao fim dos meus dias...

Vosso irmão em Cristo

MÁRIO F. DIAS SANCHES

se opusessem. Ele e eu orámos sobre o assunto. Para minha surpresa minha mãe mudou um pouco, aconselhando-me a nada dizer a meu pai.

Mas pouco depois de ser baptizada meu pai descobriu-o, e minha mãe e ele bateram-me e expulsaram-me de casa, e disseram-me para não voltar. Queimaram também os meus livros e revistas. Em tudo isto o meu conforto eram as palavras de Jesus: «Bem-aventurados sois vós quando vos perseguirem...» Mais tarde os meus pais abrandaram e receberam-me de novo, mas ainda não consentem que lhes fale acerca de Jesus.

Embora eu desejasse ser colportora, o Departamento de Publicações não me concedeu logo esse privilégio. Mas provei-lhes que o Senhor me estava abençoando e finalmente o meu desejo foi atendido. Estou agora trabalhando em favor do povo judeu com literatura apropriada.

Estou grata a Deus pelos belos dias que passei em Portugal, e em especial pelo abençoado Sábado em que assisti à cerimónia baptismal em Setúbal. Não me esquecerei de orar pela vossa escola fechada e por todos os nossos irmãos portugueses.

Florence Peterfreund

3.º — Como veio à existência o nosso planeta? Como tudo tem de ser devido à evolução natural e ao acaso, a Terra originou-se duma parcela do Sol que acidentalmente se deslocou dele em movimentos giratórios adquirindo progressivamente novos elementos, elementos compostos pelo seu arrefecimento e por outras causas naturais, até que finalmente formou a sua crosta e apareceu o elemento água. E assim terminou a evolução planetária. Laplace admitiu também que a terra era efectivamente uma parcela do Sol, mas com a diferença de que ele apresenta uma causa da sua formação dizendo que foi a «Inteligência Suprema» que deu o impulso. Excepto, pois, a noção coerente de Laplace, segundo o sistema evolucionista, tudo se formou e evoluiu cegamente, ao acaso, sem uma directriz inteligente, mas tudo aparece feito com toda a precisão matemática! Os materialistas que rejeitam os milagres quando se trata de Deus, caem em contradição e na incoerência de serem milagreiros a seu modo atribuindo à matéria e ao acaso aquilo que eles não podem dar, que só pertence a um ser inteligente.

4.º — Uma vez que está pronta a construção inorgânica do Mundo, chegando ao seu máximo grau de complexidade com o aparecimento da água, elemento indispensável à vida, estava apto a ser povoado, por isso segundo Haeckel começaram a surgir os primeiros germens da vida gerados da própria Terra. A vida, ou os primeiros germens da Vida provém, portanto, unicamente da matéria inorgânica, geram-se da terra e à custa dela quando esta chegou ao seu máximo grau de complexidade pela finalização da sua evolução planetária!

Mas o pior, como se sabe, foi o golpe mortal que Pasteur deu à teoria da Vida se ter originado da matéria inorgânica, provando cientificamente que as bactérias não se produzem da matéria em putrefacção, mas que acodem ali vindas de fora. Assim a Vida só provém da Vida, e, portanto, a primeira vida ou primeiras vidas só poderiam ser criadas e não produzidas por nenhum processo de evolução. De sorte que à luz da ciência moderna não se pode dizer hoje que a vida provém da matéria inorgânica ou por geração espontânea. Logo, foi Deus o autor da Vida.

5.º — Para explicar o povoamento da Terra e a origem da enorme variabilidade das espécies que hoje existe, Haeckel ba-

A IDADE DO

(Continuado do número de Agosto)

seia-se agora na teoria de Darwin. Uma vez que apareceram os primeiros germens de vida no solo isso deu lugar a que surgissem os primeiros seres organizados, a princípio muito rudimentares. A *monera* é o organismo que representa a transição do reino vegetal para o animal. Os protozoários são os animais microscópicos e unicelulares. Querem que a variabilidade e superioridade das espécies provenham duma «selecção natural». Os primeiros seres originados começaram a viver uma vida de lutas uns com os outros e com os meios adversos da natureza. E assim se continua em todas as suas gerações. Os mais fracos sucumbem e os mais fortes sobrevivem transmitindo aos seus descendentes as modificações corporais e qualidades superiores progressivamente adquiridas nessa luta. Desta forma, no decorrer dos milénios os animais vão surgindo diferentes e aperfeiçoados.

Mas as objecções que se opõem à teoria da descendência são como seguem:

a) As modificações anatómicas não são transmissíveis. Foram Lamarck e Darwin que pretenderam que os caracteres adquiridos nas lutas e nos meios ambientes adversos, eram transmitidas aos descendentes. Mas biólogos ilustres dizem que os relatos científicos continuam a revelar que as modificações anatómicas não se transmitem. As modificações que affectam o ovo não são transmissíveis (variações súbitas e cruzamentos de variantes da mesma espécie), mas mesmo estas modificações não realizam nenhuma evolução porque se limitam a modificar um órgão já existente quando muito e nunca criam nenhum novo.

Além dessas modificações funcionais que são transmissíveis, existem, pois, as anatómicas que não se transmitem mesmo que os casos se repitam por muitas gerações, não tendo, portanto, nenhum fundamento a teoria da transmissibilidade dos caracteres adquiridos *post concepção*, mais imaginada por Lamarck e Darwin.

b) Embriologia. 1) A semelhança exterior nada prova: O facto de quase todos os embriões de animais serem muito seme-

O HOMEM

lhantes na sua forma exterior, no princípio do seu desenvolvimento, nada prova em favor da teoria da descendência. Até ao começo do séc. XIX, os naturalistas nenhuma importância ligaram ao facto da semelhança dos embriões. Mesmo depois Ernesto van Bacr, considerado o fundador da Embriologia, não manifestou nenhuma opinião em favor da teoria da descendência, baseado nesse facto. Mas os naturalistas evolucionistas que andavam por esse tempo à procura de toda a argumentação que pudessem apanhar para defesa da sua teoria da descendência, é que se lembraram de utilizar essa semelhança como uma das provas disso. Mas outros biólogos actuais não se manifestam favoráveis a esse facto.

2) Não há recapitulação no desenvolvimento embrionário. Mas a argumentação evolucionista principal é o desenvolvimento comum de vários órgãos e aparelhos transitórios, querendo provar desse modo que esses órgãos e aparelhos são reminiscências de outras espécies do passado, e assim que ela descende de outras.

Mas a objecção de outros biólogos a tal respeito é que o organismo não passa, no seu desenvolvimento embrionário, por nenhuma série de estados de transição, nem mesmo por um só, isto é, não passa sucessivamente pelo estado de verme, de molusco, peixe, anfíbio, réptil, ave, nem mesmo por qualquer dessas fases. Não há, portanto, nenhuma sequência evolutiva, como era necessário para que se pudesse admirar a hipótese de estados ancestrais.

Se existem órgãos e aparelhos, comuns a quase todos os embriões no princípio do seu desenvolvimento para depois desaparecerem, isso significa que «são órgãos com funções regressivas necessárias ao desenvolvimento embrionário.

Não tem, pois, fundamento a imaginária lei de Muller e Hasckel em que pretendem que: «Os estados pelos quais passa um indivíduo durante a sua evolução embrionária, não são senão a repetição dos estados pelos quais passa a espécie, através dos séculos, para atingir o seu estado

actual, isto é, o desenvolvimento embrionário (ontogénese) é uma rápida recapitulação da evolução da espécie através das épocas geológicas (filogénese)».

Como se vê tal ideia que pretendesse ser lei é bem atabalhoada, porque o indivíduo não passa por nenhuma série de estados de transmissão, nem por um só.

c) Anatomia comparada. Pretendem que os organismos adultos manifestam igualmente, como os embriões, restos de órgãos inúteis, conservando-os, querendo que isso sejam também reminiscências do passado, bem como querem considerar a semelhança do plano da organização dos membros anteriores dos vertebrados, como sendo mais um testemunho em favor da teoria da descendência.

Mas esses órgãos são tão raros que outros biólogos são de opinião que esse facto seja devido a alguma insuficiência hormonal.

Quanto ao segundo caso diz Louis Boule que «a semelhança de organização nem sempre quer dizer descendência».

São, pois, estes dois casos tão insignificantes que não merecem uma maior atenção em busca da verdade neste sentido.

d) Paleontologia. Os evolucionistas pretendem também tirar dos fósseis de autenticidade da teoria transformista querendo que existem nas camadas primitivas revelam os organismos rudimentares; as médias, as formas orgânicas mais elevadas e, finalmente, as mais recentes os seres organizados superiores; e que além elas revelam a presença de organismos com características transitórias.

Mas contemporaneamente já não se podem fazer tais afirmações. A história das vidas fossilizadas em vez de favorecer a teoria evolucionista, mostra-lhe a falência. Não existem nessas camadas nenhuma sequência evolutiva. Dizem Simpson e Clark que «o facto mais notável dos fósseis, não é a sua continuidade, mas sim a sua descontinuidade».

À luz dos relatos contemporâneos, apresentam-se as seguintes objecções:

1) Encontram-se em todas as camadas terrestres espécies sem distinção; 2) não há indícios de formas intermediárias em parte alguma. Os exemplares que pareceram ter algumas dessas características são muito raros e não apresentam a nitidez suficiente para serem julgados como

tais; 3) se a diferenciação do relevo terrestre não é motivada por causas geológicas, nem pela teoria das contracções, mas sim por grandes convulsões terrestres causadas pelo dilúvio, também as camadas terrestres não podem apresentar uma ordem cronológica perfeita, como de facto não apresentam, num período de muitos milhões de anos.

6) Origem do homem. A última faceta da questão, é a origem do homem. Querem que os antepassados mais próximos da espécie humana fossem primeiramente os macacos, e depois, servindo de elo de transição entre os primeiros homens e o actual, um «pré-homem» com aspecto meio macaco e meio homem.

Mencionando apenas uma citação dos advogados do evolucionismo a esse respeito, diz A. Lefèvre: «O homem, um dos géneros da ordem dos primatas, é parente próximo, qualquer coisa como primo, dos grandes macacos, o gorila, o chimpanzé, o orango-otango, o gibão, que receberam o nome de *antropoides* ou *antropomorfos*» (La Philosophie, p. 496).

Mas se a teoria evolucionista da origem da variabilidade das espécies está falida, também a da genealogia do homem não tem fundamento, visto que ela é incluída nessa escola.

Além disso, o tal «semi-homem», tão necessário à transição, não existe entre os seres organizados. Mas era possível que tivesse existido no passado e que fosse extinto, como aconteceu com certos exemplares. Fizeram-se então pesquisas paleontológicas no passado e têm-se feito outras mais recentes na esperança de encontrar nos fósseis o tão almejado pré-homem, mas nunca o puderam encontrar. Contudo, os que teimam em não querer ser filhos de Deus, e serem filhos dos macacos, não desanimaram. Foram encontrados e apanhados por várias vezes em diversas regiões fragmentos de crâneos e outros ossos, e com esse material insuficiente têm modelado outros brutos em que a perícia do modelador certamente não tem falhado para dar aos exemplares os aspectos apropriados, isto é, com umas feições amacacadas.

É possível que tenha aparecido também um outro caso teratológico nalgum ser humano antigo e apresentado como um dos tais intermediários da espécie humana.

Os exemplares modelados que têm sido

apresentados como tais mais conhecidos, são: «o Homem de Java», «o Homem de Dawn», «o Homem de Heidelberg», «o Homem de Neanderthal», «o Homem de Maner», «o Homem de Cro-Magnon». «o Sinantropo de Peking». A maioria dos exemplares foram construídos com alguns ossos apenas ou restos de ossos, modelando-os o artista segundo a sua imaginação, e assim nasce a dúvida sobre a autenticidade dos originais que eles representam. Por isso a opinião de vários naturalistas não se tem pronunciado a favor da sua autenticidade, declarando outros que eram restos de homens como nós, e outros ainda de macacos da ordem superior.

Pretenso testemunho dos sílex tallhados.

Outro facto que os evolucionistas apresentam em seu favor como prova de terem existido os tais semi-homens, é o aparecimento em certas regiões de sílex tallhados ou aparentemente tallhados que dizem terem servido como utensílios ou de armas de defesa e ataque daqueles. Foram encontrados, efectivamente, nos terrenos considerados terciários de Thenay, Loire-et-Cher, França, alguns sílex tallhados, ou que tinham essa aparência. Foram considerados por alguns como obra dos tais antropoides; mas a maioria dos arqueólogos que os examinaram, negaram que tivessem sido tallhados por algum ser, mas que a natureza os apresenta assim. Outros sílex têm sido encontrados noutros terrenos nas mesmas condições, mas nenhum arqueólogo lhe tem atribuído qualquer importância como sendo obra de algum ser.

Além disso existem ainda hoje povos na Polinésia de civilização primitiva que tallham sílex para fazerem utensílios tão rudimentares como os que foram encontrados, aos quais querem atribuir obra do imaginário pré-homem.

Em conclusão:

Ao contrário do que imagina o articulista que provocou a apresentação da presente tese, o sistema evolucionista que pretende originar o Universo pelos seus próprios recursos e fazer provir o homem duma escala inferior de animais por evolução natural de milhões de anos, está falido. Carece de fundamento perante considerações judicionais e dados científicos. Continua, pois, de pé a doutrina que apresenta Adão e Eva os mais remotos ascendentes da espécie humana.

Jerónimo Falcão

Notícias do Campo

MISS FLORENCE PETERFREUND — Na companhia de seus pais, esteve em Lisboa, de 12 a 19 de Setembro, a Ir. Florence Peterfreund, judia convertida à Mensagem Adventista e hoje colportora entre os judeus. Por acharmos interessante o seu testemunho, pedimos-lhe para o escrever e publicamo-lo gostosamente noutra página desta revista.

ALUNOS PORTUGUESES PARA O SEMINÁRIO DE COLLONGES — Durante as férias partiu para Toulouse, onde tem parentes, e daí, no fim de Setembro, para Collonges, o Ir. Amadeu Caldeira. Em 21 do mesmo mês, partiram as jovens Maria Manuela Costa, Helena Valente Nunes, Noémia Leal e Irene Leal. Em 28, seguiram Lídia Mendes, Maria Graça Gomes e Maria de Lourdes Fonseca Lemos. Em 12 de Outubro, já um pouco atrasados, foram Milda Raposo e Artur de Oliveira. A todos estes jovens, em quem depositamos a nossa melhor confiança, desejamos um próspero ano escolar e deles aguardamos sempre boas notícias.



Pico — Grupo de crentes de Fetais da Piedade

LUCÍLIA FERREIRA — A fim de dirigir a escola da igreja adventista de S. Vicente, Cabo Verde, para ali partiu no dia 10 de Outubro a Ir. Lucília Ferreira. Fazemos votos para uma feliz estadia naquela Província Ultramarina.

JOÃO DE MENDONÇA — No mesmo dia seguiu para a Ilha Brava, Cabo Verde, o Ir. João de Mendonça. Trabalhando já ali desde 1949, veio passar à Metrópole uns meses de bem merecidas férias. Que o Senhor lhe conceda grande alegria e frutos no seu trabalho.

SAMUEL JOSÉ GRAÇA — Acompanhado de sua Esposa e Filha, em 26 de Outubro regressou a Moçambique este nosso prezado irmão, depois de ter passado na Metrópole algum tempo de repouso. Várias vezes falou nas nossas igrejas e é com saudade que o vemos partir.

JOSÉ DA SILVA BOTELHO — A fim de se encarregar dos trabalhos de tipografia da União de Angola, embarcou em 3 de Novembro o Ir. José da Silva Botelho, na companhia de sua Esposa e de suas duas Filhas. A estes nossos antigos membros da igreja de Ponta Delgada desejamos as maiores bênçãos do Céu.

W. R. BEACH — Foi com alegria que vimos de novo no nosso meio o Pastor W. R. Beach, que durante tantos anos trabalhou, ultimamente como presidente, na Divisão Sul-Europeia. Vindo da América a caminho da Ásia, esteve connosco de 5 a 7 de Novembro. Dirigiu a palavra à igreja de Lisboa, no Sábado, dia 6, apresentando uma mensagem da máxima oportunidade para a hora presente.

ANSELMO DE ALMEIDA — No dia 25 de Novembro embarcou para Cabo Verde, para a companhia de sua Esposa (Irmã Lucília Ferreira), o nosso Irmão Anselmo de Almeida. Ali irá exercer permanentemente o trabalho da colportagem, tendo como seu campo privativo Cabo Verde e Guiné. Que o Senhor abençoe grandemente nas suas actividades, são os nossos votos.

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

No dia 9 de Outubro, foram sepultadas nas águas baptismas, de acordo com a sua profissão de fé e a ordem de Jesus, oito preciosas almas que, assim, ficaram a fazer parte da Igreja de Cristo na terra.

A sala e as galerias estavam repletas de visitas e irmãos que, com grande interesse e justificada alegria, acompanhavam esta significativa cerimónia cristã.

Agradecemos a Deus mais esta vitória espiritual, e pedimos-lhe que abençoe grandemente os esforços de todos os Irmãos, a fim de que, por seu intermédio, muitas mais almas se possam unir à Igreja.

Juvenal Gomes

São Julião

Semana de Oração — Realizámos a nossa Semana de Oração reunindo a Igreja cada dia em cumprimento do programa respectivo.

Foram reuniões bastante proveitosas para a Igreja em virtude das mensagens espirituais de grande valor preparadas para esse fim.

Fizemos convites pessoais, notando-se sempre algumas visitas, o que aproveitávamos procurando levá-las a interessar-se também pelos apelos de Deus.

Depois da leitura das comunicações destacávamos os principais pensamentos procurando enlutar o seu valor como concurso duma vida mais fiel e íntima com Deus e nosso Salvador.

Orações foram sempre elevadas ao Senhor como graças e petições de acordo com os temas apresentados, e de intercessão e louvores pelo que Deus está realizando em todo o mundo em favor da salvação.

No Sábado, último dia, foram apresentados votos a Deus para que o espírito reinante na Semana de Oração se prolongasse por todo o ano através das reuniões habituais da Igreja e nas vidas particulares dos membros.

Fundação e organização de um grupo missionário anexo e seus primeiros êxitos — Organizámos há pouco um grupo missionário anexo à Sociedade Missionária do qual tomam parte

membros das Sociedades dos Jovens e da Missionária, e que se intitula: «Grupo Missionário Pró-Convites Regulares às Reuniões» (ou simplesmente: Grupo Pró-Convites). A missão dos seus componentes tem por fim proufificar-se a fazer um esforço indo à procura de uma ou mais pessoas convidando-as para as reuniões da Igreja cada vez que as haja, sobretudo reuniões para o público, e se for possível fazendo-se acompanhar do convidado.

Difere este grupo das actividades evangélicas pessoais na secção das «pessoas trazidas às reuniões», em que, enquanto as primeiras são esforços eventuais ou oportunidades casuais, aquele caracteriza-se por esforços regulares e persistentes. Isto significa que cada membro do Grupo toma sobre si a missão de se massar, por amor às almas, fazendo sempre convites em dias de reuniões. É óbvio que só podemos contar com uma pequena percentagem de visitas de entre as pessoas convidadas, mas julgamos que a persistência trará benéficas consequências. Certamente que o êxito depende, em grande parte, da consagração dos membros do Grupo e do amor às almas errantes.

Os motivos que nos impeliram a organizar o nosso grupo foram: a urgente e especial mensagem de Deus para os nossos tempos como nos revela a Palavra de Deus e é salientado pelo Espírito de Profecia; a escassez das visitas às reuniões públicas; a falta de elementos de propaganda ao contrário das possibilidades que existem nas Igrejas estabelecidas em maiores centros populacionais (mas mesmo aí julgamos que a organização de um tal grupo será mais uma bênção para a expansão da obra de Deus); o de considerarmos que «a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela Palavra de Deus» (há pessoas incluídas no rol da incredulidade por falta de conhecimento da Palavra de Deus, mas uma vez que sejam estimuladas por um bom crente e frequentemente assiduamente a igreja pode-se descobrir nelas que atenderam ao chamado divino); e, finalmente, o ensino do nosso Salvador a respeito do esforço que devemos fazer para trazermos almas para as reuniões revelado na Parábola da Grande Ceia: «Sai pelo caminho e vallados e força-os a entrar para que a minha casa se encha».

Há umas semanas que o nosso Grupo foi organizado e temos notado que não foi em vão porque, pelo menos, tem aumentado o número de visitas, apesar dos preconceitos que existem no nosso meio. Há muitas pessoas que não vêm para não serem censuradas. Nos meios pequenos tudo se sabe, e a maioria anda conforme as multidoes. O que passa disso é loucura para eles. É um dos meios que Satanás emprega para evitar que as almas se salvem, fazendo o que vêem fazer o mundo.

Actividades sociais — Creio que um outro meio de benéficas consequências para a expansão da Obra de Deus, é o emprego de actividades sociais por parte do obreiro. O nosso Irmão Dias Gomes focou aqui há tempos este assunto como um meio importante para o êxito do obreiro. Este se se prestar a auxiliar os seus vizinhos em qualquer actividade social compatível e oportuna nem que seja para sachar batatas não perderá o seu tempo por que ganhará boa impressão e talvez alguma alma para Cristo.

De harmonia com esta ideia proufificámo-nos a incluir no nosso programa de trabalho a oferta

do ensino da leitura e escrita para algum adulto que não pode frequentar a escola oficial.

Começámos há pouco esta actividade social e oramos ao Senhor para que tudo o que se faça seja para o conhecimento de Deus e salvação das almas.

Vosso conservo em Cristo,

Jerónimo Falcão

MISSÃO DOS AÇORES

Pico

O dia 25 de Setembro foi um dia de regozijo para a nossa Igreja do Pico. Tivemos a visita dos nossos irmãos do grupo dos Fetais que vieram para assistir a uma cerimónia baptismal que se realizou nesse mesmo dia na nossa Igreja, a qual estava quase repleta de irmãos, interessados e muitos curiosos. O acto realizou-se após a Escola Sabatina, que decorreu animada e assistida por uma já numerosa assistência que ia aumentando pouco a pouco à medida que se aproximava a hora dos baptismsos. Foram quatro as almas que selaram o seu contrato com Deus, para serem verdadeiros filhos Seus, a fim de levarem



Pico — O Irmão Laranjeira com o grupo de membros recentemente baptizados

uma vida nova, de harmonia com a Sua Vontade, sepultando a «velha vida» nas águas baptismas. Três vieram do grupo dos Fetais e uma do nosso campo aqui. Após a cerimónia, e antes de se proceder às habituais «boas vindas», os novos membros entoaram o cântico: «Em meu coração há alegria; Doce melodia, celeste harmonia; Em meu coração há alegria; Dando glória ao Salvador». Dando assim testemunho do júbilo que reinava em seu coração. Assim terminámos mais uma cerimónia baptismal neste campo, ficando agora a Igreja a ter 26 membros inscritos em seu registo. Que Deus nos conceda as suas bênçãos para que actos destes se repitam amiudadas vezes são os meus votos.

Também, no dia 2 do corrente, realizámos na nossa igreja a cerimónia da Santa Ceia, que decorreu num ambiente bem espiritual, contribuindo para uma maior aproximação de Deus e dos Irmãos.

Quanto ao nosso trabalho todo ele corre normalmente em todos os departamentos. Os nossos aivos estão em dia. A nossa saúde não é má. E Deus tem estado sempre connosco, ajudando-

-nos e abençoando-nos, pelo que Lhe rendemos continuamente muitas graças. — *J. J. Laranjeira.*

MISSÃO DE CABO VERDE

Foi com o coração em Festa que esta Missão recebeu a visita do Director da União Portuguesa, irmão Pastor E. Ferreira, que já era esperado há algum tempo. Os prezados leitores que não conhecem Cabo Verde e o seu isolamento malgumas ilhas, não podem saber quanto é apreciada a visita de pessoas que podem ajudar-nos a estudar connosco a melhor maneira de levar o conhecimento do Evangelho aos que ainda desconhecem a bendita Mensagem do Senhor.

No dia 18 de Outubro fomos a bordo do «Alfredo da Silva» abraçar o Irmão Ferreira, assim como o Ir. Mendonça e Professora Irmã Lucília Ferreira, aquele para o seu campo e esta para se ocupar com uma Escola em S. Vicente. Esta Igreja — Mindelo — é a primeira vez que recebe uma visita da União e como tal a Juventude dedicou um serão de boas-vindas aos visitantes, num variado programa.

Embora as viagens em Cabo Verde continuem incômodas, depois de três dias connosco, em companhia do signatário, o irmão Ferreira deslocou-se até à Ilha Brava, berço do Movimento Adventista em Cabo Verde e onde passámos um dia de Sábado inesquecível, com os irmãos, alguns dos quais acompanharam este Movimento desde os seus alvares, há mais de vinte anos. Conheceram horas felizes e amargas de desapontamento, mas lá os encontramos e com eles toda a Igreja, com os quais celebrámos a Santa Ceia, onde se manifestou comunhão fraternal.

Num programa que se prolongou desde as 10 da manhã até às 5 da tarde, tiveram lugar as seguintes reuniões: Baptismos em número de 6, exames e investidura das classes progressivas, de 10 Amigos, 4 Companheiros e 4 Guias. Este Sábado era desejado por todos há vários anos e já me havia sido manifestado pelo Irmão Ferreira, em passar um Sábado com a Igreja mãe da nossa Missão, tendo a oportunidade de presidir a todos os cultos do dia. Na Vila Nova Sintra, com a sala repleta, dirigiu-nos ainda a Palavra de Deus.

Domingo, logo de manhã, lá vamos de albalada até à vizinha Ilha do Fogo, com o seu imponente vulcão, ainda com alguma vida, onde passámos parte de dois dias, em visitas aos lugares mais importantes onde se está pregando a Palavra de Deus, Curral Grande, Salto, etc., onde fomos surpreendidos com esplêndidos programas de Juventude. Com grande pesar não pudemos visitar Ribeira do Ilheu, mas alguns irmãos, como uma embaixada, vieram cumprimentar-nos em Curral Grande. Breves momentos, novas despedidas e lá vamos outra vez passar uma noite no mar, a caminho da Praia, onde nos esperava a inevitável festa pela Juventude, razão porque dizemos que a Missão esteve em festa.

Na «MENSAGEIRA» (nome da nossa carrinha), visitámos o interior da Ilha, notando o que temos feito e o que temos ainda para fazer. Grandes coisas o Senhor poderá fazer nesta extensa Ilha, quase do tamanho da Madeira, mas que diversos factores fazem dela um campo difícil de trabalhar, mas onde almas sinceras aguardam que se lhes leve o pão da Vida — a Palavra de Deus.

Numa interessante festa de boas-vindas, que nos foi dedicada, um dos números constou da entrega dum álbum de fotografias, ao Irmão Ferreira, como lembrança da sua passagem por esta Igreja. No dia seguinte teve lugar uma cerimónia de Investidura das Classes Progressivas de 7 Amigos e 5 Companheiros.

Chegou novamente o dia do navio e lá vamos de regresso a S. Vicente, a mana nova das Igrejas de Cabo Verde, mas que promete ser do tamanho das mais velhas.

Aqui teve lugar uma Reunião do Conselho da Missão, com a presença de todos os Obreiros de Cabo Verde, a que presidiu o Director da União, que com a sua experiência e espírito de vasto alcance, ajudou-nos a considerar os pontos nevrálgicos da Evangelização de Cabo Verde.

Na manhã de segunda-feira, por o Ir. Ferreira ter de partir nesse mesmo dia, 1 de Novembro, cinco jovens testemunharam a sua Fé, sendo sepultados nas águas do baptismo, por aquele irmão.

Chegou então a nossa vez de o abraçar, agora com tristeza, que regressa a Lisboa onde o chamam os inúmeros afazeres do seu cargo, lutando como bom soldado de Jesus, a batalha contra o príncipe das trevas e nós... cá ficamos... com o coração cheio de saudades, vendo o navio que se afasta, rumo ao mar, ao rumo do Sal e de Lisboa.

Adéus, Irmão Ferreira e até à próxima visita.

Voltando à realidade lembramos as vitórias que o Senhor nos deu nos últimos tempos, desde a última visita do Ir. Ferreira, em breves palavras:

1952 — Abriu-se a Missão de S. Vicente, que conta já 29 membros; Mudou-se a Sede para esta Ilha, cidade de Mindelo; Fizeram-se neste ano 52 baptismos; Nas escolas houve 9 exames; Número de membros nesta data, 190.

1953 — Reconstruiu-se a Igreja da Brava, Senhora do Monte, obra que se nos afigura poder agora resistir a todas as intempéries. Com o templo, a Igreja reconstruiu também a sua Fé e consagração a Deus, limando arestas e dedicando o seu coração a Jesus; Uma Família foi e regressou de férias; Fizeram-se 26 baptismos; Número de exames nas Escolas, 13; Número de membros, 214.

1954 — Mobilámos as Missões de Fogo e de S. Vicente; Mobilámos as salas de Salto e Ribeira do Ilheu, no Fogo; Abrimos uma Escola em S. Vicente e lançámos as bases de outra no Fogo, Curral Grande; Obtivemos alvarás para todas existentes; Comprámos uma carrinha para Santiago e uma motocicleta para o Fogo; Dois Missionários foram a férias e regressaram; Intensificou-se a colportagem evangelística, entre Cabo Verde e Guiné; Uma Professora veio de Lisboa; Fizeram-se (até esta data) 22 baptismos; Exames nas Escolas, 21; Membros de Igreja, 229.

Omitimos aqui os desgostos e lutas suportados, por julgarmos meios de preparação para a batalha de salvar almas da prisão do pecado.

Cabo Verde continua em festa. Até aqui nos ajudou o Senhor.

Orai por Cabo Verde.

Vosso em Cristo,

Francisco Cordas

MISSÃO DE SÃO TOMÉ

Segundo o mapa estatístico relativo ao ano lectivo de 1953-54, que temos presente, matricularam-se no início do ano 318 alunos, tendo chegado ao fim 265, entre os quais 5 europeus. Destes, passaram para a 2.ª classe, 30; para a 3.ª, 49; para a 4.ª, 38; e foram aprovados nos exames finais, 28.

Distinção honrosa para a Missão, foi o facto de o Director da Escola, Ir. José Augusto da Silva Júnior, ter sido escolhido para fazer parte de um júri dos exames oficiais, desempenhando nele as funções de secretário.

AGUARDANDO A RESSURREIÇÃO

Lisboa

— Com 75 anos de idade, faleceu, no dia 8 de Setembro, a Irmã Maria da Conceição Oliveira, que foi, muitos anos, fiel membro da nossa Igreja.

Ánima-nos a esperança de a podermos ver na manhã da ressurreição.

— No dia 29 de Outubro p. p. faleceu, na casa onde residia, a nossa prezada Irmã Manuela Santiago. Baptizada em 1922, era esta nossa Irmã um dos membros mais antigos da nossa Igreja. Poucos dias antes da sua morte, escrevendo a sua filha, dizia: «Filha, não fiques triste; se eu morrer, morro com Cristo»... Estamos, de facto, convencidos de que a nossa Irmã morreu com Cristo e de que também com Ele ressuscitará, no último dia. A nossa boa Irmã foi exemplo de rara bondade.

Em casa e no cemitério foram dirigidas palavras apropriadas para a ocasião.

(Servindo-nos da «Revista Adventista», apresentamos, uma vez mais, sentidas condolências a sua filha, Sr.ª D. Ângela Wild, e também aos restantes membros da Família, nossos prezados Irmãos. — *Juvenal Gomes.*

— A 26 de Setembro faleceu, em plena flor da sua mocidade, com a idade de 17 anos, a nossa jovem irmã na fé, Alzira da Conceição Damasceno Marmelo. Era secretária dos M. V. da nossa Igreja e em todas as actividades da mesma sociedade a sua presença era sempre indispensável. Os seus pais desolados, que são os Irs. Martinho Marmelo e Maria Damasceno Marmelo, a juventude da nossa congregação e todos os Irmãos, cheios de saudades, desejam cumprimentá-la na manhã gloriosa da ressurreição.

— Também terminou os seus dias, em princípios de Outubro, na residência da sua família, em Póvoa e Meadas, o Irmão Joaquim Gonçalves Valentim. Era o membro mais antigo da nossa igreja, «a primeira pedra», segundo ele mesmo costumava manifestar com entusiasmo. Era deste Irmão a tão falada barraca de zinco, onde por alguns anos se pregou primeiramente a mensagem em Ribeira de Nisa. A dita barraca desapareceu numa noite de temporal, o que deu origem à construção do novo e bom edifício.

— Também faleceu, na noite de 10 de Outubro, uma filhinha dos irmãos Mendonça. Tinha apenas um mês e três dias.

A todos ansiamos saudar, com a maior alegria, no dia glorioso da ressurreição do povo de Deus, para o tão feliz encontro com o Senhor Jesus. — *Manuel Jorge de Mendonça.*

DEPARTAMENTO DE PUBLICAÇÕES DA UNIÃO PORTUGUESA

Relatório de Vendas de Agosto de 1954

NOMES	HORAS	LIVROS	REVISTAS	TOTAL
António G. Duarte	188	8.595\$00	2.390\$00	11.985\$00
Tomás P. Aguiar	102	3.240\$00		3.240\$00
Maria L. Saboga	158		2.430\$00	2.430\$00
Isaias da Silva	90	1.495\$00	460\$00	1.955\$00
José E. dos Santos	33	2.015\$00		2.015\$00
David Vasco	42	1.790\$00		1.790\$00
Júlia Costa	80		1.785\$00	1.785\$00
Idalina Ferreira	46		1.760\$00	1.760\$00
J. J. Parreira Lopes	57	1.750\$00		1.750\$00
João António	120	777\$50	762\$50	1.540\$00
Flora Saramago	79		1.040\$00	1.040\$00
Afonso António	59	945\$00		945\$00
Júlia Sanches	130		820\$00	820\$00
Alberto Nunes	10	695\$00		695\$00
Anselmo Gorgulho	28	467\$50		467\$50
	1.217	21.770\$00	11.447\$50	33.217\$50

O Secretário de Publicações
Fernando Garcia Mendes